

Edilson Rodrigues/CB/D.A Press



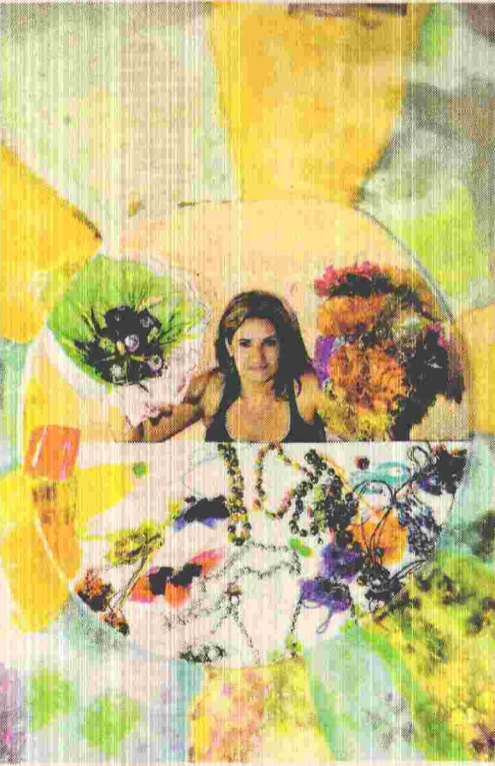
Mulheres simples do Paranoá criaram a ONG Paranoarte: juntas, elas moldam tapetes, almofadas, acessórios, roupas e outros produtos que ganham um toque especial de cada artesã

PINTANDO E BORDANDO

O ARTESANATO

DAS MÃOS DE HABILIDOSOS ARTESÃOS, PARTE DA CULTURA E DA ARTE CANDANGA É DIVULGADA AOS QUATRO CANTOS DO MUNDO EM FORMA DE ROUPAS, ACESSÓRIOS E ENFEITES PARA A CASA. HOJE, O SUSTENTO DE 30 MIL PESSOAS DEPENDEM DIRETAMENTE DESSES TRABALHADORES

Edilson Rodrigues/CB/D.A Press



Maria Gláucia, os irmãos e a mãe transformam garrafa plástica vazia em bijuterias, chaveiros, luminárias e chinelos

NÃO QUESTIONO AS AUDÁCIAS MODERNISTAS ENCRAVADAS NO PLANALTO, MAS SIM O FATO DE ESSAS CIDADES CRIADAS DO DIA PARA A NOITE SE CASAREM COM OS SERTÕES ÁSPEROS, VIRIS, BRAVIOS NÃO SE PREPARAREM PARA TAIS NÚPCIAS SENÃO FAZENDO-SE EMBELEZAR PELOS ARQUITETOS E POLIR PELOS URBANISTAS”

GILBERTO FREYRE

ALINE BRAVIM

Além da beleza natural de Brasília, a cidade ganha enfeites e cores pelas mãos de uma gente habilidosa: os nossos artesãos. Os 15 mil trabalhadores criativos e talentosos pintam e bordam para deixar a capital harmoniosa e enriquecida culturalmente. Eles fazem de tudo um pouco: roupas, bijuterias, bolsas, cestas, colchas, enfeites para casa. O mais interessante é que todo esse trabalho é feito por mãos de amantes da região, como Maria Gláucia de Oliveira, funcionária do projeto Moda Solidária, incentivado pelo Ministério da Ciência e Tecnologia.

Das mãos dela, da mãe e dos sete irmãos, garrafas plásticas se transformam em bijuterias, chaveiros, luminárias e chinelos. “A renda familiar não era suficiente. Começamos tímidos, mas hoje fazemos lembrancinhas de aniversário, casamento e nossas peças já desfilaram na Capital Fashion Week e no Rio de Janeiro.” Segundo dados do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), 30 mil pessoas dependem no Distrito Federal das atividades artesanais.

O DF tem alguns pontos estabelecidos para os artesãos comercializarem suas criações. Um deles é a Feira da Torre. Desde 1960, o lugar foi destinado aos trabalhadores do setor. No início, eram apenas 16 artistas. O espaço foi crescendo e abriga hoje os maiores artesãos da capital. Eles fazem móveis por encomenda, roupas, chinelos, bolsas, bonecas e uma vasta variedade de objetos, todos moldados à mão.

Outra conquista dos trabalhadores do setor é a Rota de Artesanato Candango, criada pela Secretaria do Trabalho. São três locais para eles mostrarem o que faz: no Setor Comercial Sul, no Setor Bancário Norte e na Praça do Índio, na Asa Sul. Os próprios expositores pediram a criação de pontos que tivessem grande movimento de pessoas. O Salão Internacional do Artesanato também abriu as portas para que os artesãos locais pudessem divulgar sua arte. Este ano será realizada, em maio, a terceira edição do evento, que ocorre anualmente.

Um outro lado propagado por essa arte é a solidariedade. A Rede Solidária de Artesanato e Cultura Popular Paranoarte reúne, desde 2002, mais de 200 mulheres do Paranoá. O grupo surgiu a partir da necessidade de ganhar dinheiro para o próprio sustento. O conhecimento da arte foi passando de uma a uma e, assim, nasceu a organização não governamental. Aos 10 anos, Ceci Francisca da Silva já aprontava com panos, agulhas e linhas. No Paranoarte, aprendeu a técnica do patchwork. “Nós trabalhamos, brincamos, rimos, ensinamos, aprendemos.” Elas moldam tapetes, almofadas, bolsas, roupas e outros produtos que ganham um toque especial de cada trabalhadora.

As trabalhadoras compartilham sonhos e conhecimentos. Ensinam outros moradores e dão apoio familiar. A coordenadora dessas mulheres tão determinadas, Helenice Bastos, admira o trabalho de todas. “As artesãs respiram criatividade e carregam cultura nas mãos. São guardiãs da tradição. Cada produto tem sua história e retrata seu cotidiano.” Helenice, porém, lamenta que não existam incentivos suficientes para o consumo dos produtos da ONG. Ainda assim, acredita que os turistas apreciem as artes candangas pela história e pelo suor que cada peça carrega. Suas obras já desfilaram em passarelas de moda.

RECONHECIMENTO DE FORA

Além de movimentar a economia, nossos artesãos se encarregaram de mostrar ao Brasil e ao mundo o trabalho que é feito com tanta dedicação. Dados da Secretaria do Trabalho mostram que o DF já foi campeão de vendas em exposições nacionais. Um dos responsáveis por esse sucesso é o grupo Apoena, que conta com mão de obra de 500 brasilienses. Da sua arte, elas tiram o sustento das famílias e produzem com o coração para dar vida ao Planalto Central.

Tudo começou em 2000. Algumas mulheres se reuniam para fazer tricô e crochê em São Sebastião. Com o passar do tempo, bordadeiras e costureiras foram se juntando para, anos depois, apresentarem o artesanato candango ao mundo — seus produtos são usados de novelas globais a desfiles internacionais. Montam vestidos, saias, blusas e acessórios com um estilo inconfundível. Para a diretora de estilo do grupo, Kátia Ferreira, é recompensador vê-las mudar os conceitos das pessoas que não moram aqui sobre a cidade. “O brasiliense de coração, como o artesão, está a fim de enfrentar um poeirão para ganhar a vida honestamente. E nosso trabalho tem uma peculiaridade: como temos gente de todo canto do Brasil, cada visitante encontra no artesanato um pouco de si quando vê suas origens retratadas ali.”

Monique Renne/Esp. CB/D.A Press



Adauto Cruz/CB/D.A Press



Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



Monique Renne/Esp. CB/D.A Press



Algumas técnicas

- ▀ **Fuxico:** usa agulha, linha de costura, tesoura, molde de papelão, retalhos e lápis. Essa técnica aproveita restos de tecidos para criar e customizar roupas, acessórios e objetos. A arte final fica muito parecida com uma flor.
- ▀ **Tecelagem:** é um tipo de tricô usado para fazer cachecóis, toalhas de mesa, colchas de cama. Para tanto, utiliza-se do tear; uma máquina construída manualmente com pedaços de madeira e pregos. Basta ir entrelaçando a lã entre os pregos.
- ▀ **Craquelê:** técnica usada para envelhecer os objetos e dar um ar de antiguidade. Precisa de verniz craquelê, pincel, solvente para a tinta, pedaço de pano, goma laca e verniz em spray. Uma boa dica é aplicar purpura dourada.
- ▀ **Biscuit** ou porcelana fria: artesanato de modelagem feito a partir da mistura de amido de milho, cola branca, limão ou vinagre e vaselina. É uma massa fácil de modelar manualmente e resistente a pinturas e corantes.
- ▀ **Decapé:** textura muito apropriada para móveis, portas, janelas e esquadrias em geral, dando um ar rústico com muita classe. A sugestão é aplicar tom sobre tom. Usa betume diluído (resina espessa), pano de malha de algodão, tinta colorida, verniz, massa corrida PVA, tinta PVA ou acrílica (branco-neve), lixa 120, pincel, corante e cera (opcional).
- ▀ **Patchwork** é um trabalho feito de pedaços de tecidos remendados para formar desenhos. Pode ser usado com enchimento, no caso de almofadas.

Folhas e flores do cerrado

- ▀ As folhas secas do cerrado também ganham vida nas mãos de magos habilidosos. A arte é simples: essas folhas ganham cores com técnicas manuais e viram buquê de flores e arranjos impecáveis. Quem passa por aqui pode ver, comprovar e comprar na Feira da Torre ou nas calçadas coloridas da Catedral. Flores e sementes também têm seu lisonjeiro espaço. Uma espécie não muito encontrada nos campos que rodeiam o DF, mas que dá origem a um belo trabalho, é a folha-moeda. Depois de passar por fervura em soda cáustica e clareamento com cloro, ela perde a clorofila. Ao secar, transforma-se num esqueleto de folhas. Banhada em ouro, vira joia. Mas para não fugir muito das características que identificam o cerrado em qualquer canto do país, os artesãos candangos preferem apenas color-las e fazem esse trabalho encantador encher os olhos de quem as vê.